

O pai nos dias de hoje e as consequências para o desenvolvimento

The Father today and the consequences for development

Maria Lucia Toledo Moraes Amiralian

Psicanalista, docente em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano do IPUSP

E-mail: mltma@usp.br

Resumo: O papel do pai no processo de desenvolvimento é pouco discutido pelos winnicottianos e considerado por muitos como secundário. Entretanto, como descrito por alguns especialistas, Winnicott descreveu e discutiu a importância do papel do pai nos diferentes momentos do desenvolvimento. Para ele, o ser humano se constitui, se organiza e se desenvolve a partir da interação de um organismo com o ambiente. Nesse processo, a relação com o ambiente vai se modificando, mas a influência deste é sempre fundamental. Para Winnicott, o ambiente é tudo o que envolve o ser humano; o ambiente físico; o ambiente cultural; o momento histórico e social em que se vive; e notadamente as interações afetivas emocionais que se estabelecem entre a mãe, o bebê e seu pai. Winnicott elaborou sua proposta teórica a partir dos inúmeros casos clínicos que atendeu, mas ele viveu em um momento histórico diferente do nosso e hoje a família apresenta diferentes formas de organização. Nesse texto, temos o propósito de refletir sobre a influência no desenvolvimento emocional de crianças e jovens dentro das novas relações familiares que se estabeleceram. Qual é o papel do pai? Como essas novas configurações familiares interferem no desenvolvimento?

Palavras-chaves: D. W. Winnicott; o novo pai; novas configurações familiares; desenvolvimento emocional.

Abstract: The father's role in the development process is little discussed by Winnicott and considered by many as secondary. However, as described by some experts, Winnicott describes and discusses the important role of fathers in different stages of development. For him, the human being constitutes, organizes and develops from the interaction of an organism with the environment. In this process, the relationship with the environment is modified, but this influence is always important. For Winnicott the environment is anything that involves humans being, the physical, the cultural, the historical environment and social moment in which we live, and especially the affective and emotional interactions that are established between the mother, the baby and his father. Winnicott elaborated his theoretical proposal from

the numerous clinical cases, but he lived in a different historical moment and today our family has different ways of organization. In this text we have the purpose of reflecting on the influence the emotional development of children and youth within the new family relationships that were established. What is the role of the father? As these new family configurations interfere with development?

Keywords: D. W. Winnicott; the new father; new family settings; emotional development.

O papel do pai no processo de desenvolvimento das crianças tem sido pouco discutido pelos winnicottianos, sendo mesmo considerado por alguns como secundário. A ideia básica defendida por Winnicott de que a constituição do indivíduo se dá por meio de uma relação dual, a interação mãe-bebê, várias vezes descrita e reafirmada por ele ao longo de sua obra, e não por meio de uma relação triádica, como defendida pela psicanálise clássica, levou muitos a considerar que Winnicott dava um papel de suma importância para a mãe, deixando o pai em segundo plano.

Ao favorecer compreensão mais clara da proposta de Winnicott sobre o desenvolvimento do ser humano, ao estudar e refletir sobre o papel do pai na constituição e aquisições do indivíduo, reafirma-se a relevância da proposta winnicottiana de considerar o indivíduo como, essencialmente, um ser de relação.

Para este autor, o ser humano constitui-se e desenvolve-se a partir da interação de um organismo com o ambiente. O ambiente é inicialmente a mãe e com o passar do tempo vai se ampliando, abrange o pai, os irmãos, os tios, os avós, enfim, toda a família, passa depois a incluir a vizinhança, a escola e os grupos sociais mais amplos, quando se torna algo para o qual o indivíduo contribui (Winnicott, 1988/1990). Quanto mais próximo do início, mais influente é o ambiente; com o crescimento e amadurecimento do indivíduo, a esfera de influência do ambiente vai se transformando, embora sempre exista uma constante interação indivíduo-ambiente.

No início a relação mãe-bebê é de dependência absoluta, que se transforma em dependência relativa, quando o bebê, já com alguma integração, é capaz de perceber e experimentar outros ambientes que não a mãe, inclusive o pai. Depois, quando o bebê já se constitui em um *Eu* diferente do *Não Eu*, o ambiente se amplia e a relação que se estabelece é de rumo à independência, nunca absoluta. Esse é um processo longo que dura toda a vida e que algumas vezes retorna para um novo avançar, condição variável, podendo ser passageira em um processo saudável, ou mais longa quando sinaliza algum distúrbio.

A afirmativa de Winnicott de que o indivíduo jamais será totalmente independente fala da condição do ser humano de ser sempre influenciado pelo ambiente. O sentido de ambiente é amplo; significa o ambiente humano com seus afetos, emoções e cuidados, ou ausência deles; o ambiente físico, como as condições climáticas e a posição geográfica em que se vive; e o ambiente cultural e social. Pensando nesse conceito winnicottiano, jamais se poderá considerar como secundário o papel do pai em sua teoria. O pai, como ambiente próximo ao bebê, tem um papel fundamental em seu amadurecimento, tanto para as conquistas de um desenvolvimento saudável como para as perturbações emocionais que podem surgir pelas falhas ocorridas.

Ambiente amplo significa também a inter-relação constante entre o indivíduo e os grupos sociais a que pertence. A sociedade vai se modificando e o papel de cada um de nós na sociedade também muda. Vivemos um momento de grandes transformações sociais, tanto tecnológicas como de valores. A maternidade e a paternidade estão se modificando, assim como a família, a escola e as interações humanas. Já ouvi referências a que a teoria winnicottiana escrita entre as décadas de 40 e 70 do século XX expressa as condições daquele momento histórico e que não se pode afirmar que os papéis da mãe, do pai e da família sejam os mesmos, sendo necessário repensar a aplicabilidade desses conceitos para o momento em que vivemos. Todavia, a natureza humana não se modifica. O que ocorre no desenvolvimento do ser humano diante de situações tão complexas? Como podemos pensar e refletir sobre o papel do pai nos dias de hoje?

Partindo das propostas winnicottianas sobre o pai no processo de desenvolvimento, é interessante refletir sobre as modificações que estão ocorrendo na sociedade, e mais especificamente nas famílias, e de que modo isso estaria interferindo no desenvolvimento. Winnicott viveu em um momento em que as mudanças sociais já começavam a acontecer (o feminismo, a liberação sexual) das quais ele era bem consciente. Seu texto, “Este feminismo” (1986g[1964]/1996), mostra essa atenção às modificações que se iniciavam. Mas, pela leitura de sua obra, percebe-se que para ele o ser humano terá sempre as mesmas necessidades, e as transformações sociais que ocorrem obrigam o indivíduo a rearranjos em suas interações.

Como já dito, a influência do ambiente sobre o indivíduo é constante, embora se modifique. De modo semelhante nos diferentes estágios do desenvolvimento, o papel do pai também muda, como bem descrito por Claudia Dias Rosa em sua pesquisa de 2007.

A função paterna a partir de um papel inicial de apenas protetor da interação mãe/bebê passa a ser fundamental, principalmente na adolescência.

Estudiosos de Winnicott que se debruçaram sobre essas questões nos descreveram com riqueza o papel do pai e as dificuldades decorrentes de sua falha (Rosa, 2011). Outros consideraram que Winnicott não trouxe inovações sobre a função paterna, sendo uma continuidade da proposta freudiana. Na leitura de J. Outeiral, o papel do pai, anterior à relação edípica, é assim descrita:

[...] são inúmeras as referências ao pai e ao seu papel no desenvolvimento da criança, como um elemento real e imaginário do que ele chama de “ambiente facilitador” inclusive como uma imago que faz parte da realidade interna da mãe. (Outeiral, 1997, p. 93)

Compreensão que difere de outros winnicottianos para quem o papel do pai na vida da criança implica, desde o início, uma presença real, e não como imago da mãe.

Alguns dos papéis do pai são referidos de forma recorrente. Considerando a importância das primeiras interações mãe-bebê, especialistas chamam a atenção para a ênfase dada por Winnicott ao papel do pai como um sustentador da maternagem suficientemente boa, ou seja, aquele que oferece à mãe uma “cobertura protetora”, papel que acredito, junto a outros, estende-se por vários estágios do desenvolvimento. Essa “cobertura” possibilita à mãe entrar e permanecer no “estado de preocupação materna primária”. O pai nesse momento cria um espaço protetor que permite a dupla mãe/bebê, viver sem a interferência e as exigências do mundo externo. Essa colocação pode ser vista em M. Davis & D. Wallbridge (1982), J. Abram (2000), A. Newman (2003) e C. D. Rosa (2007 e 2011).

Sobre esse papel do pai e as falhas decorrentes de sua ausência, tenho experiências advindas de meu trabalho com crianças com deficiências em famílias classicamente estruturadas. Dois dados apontados por várias pesquisas podem ser lidos correlatamente. Há trabalhos que afirmam o grande número de separações do casal após o nascimento de uma criança com deficiência congênita ou genética, outras pesquisas mostram um número significativamente maior de crianças com autismo infantil entre aquelas com deficiência em relação à população geral. Pode-se pensar que esse maior número de crianças autistas tenha como um dos fatores as falhas maternas no início do desenvolvimento, ou seja, sua incapacidade para identificar-se com seu bebê e poder

oferecer a ele a satisfação de suas necessidades vitais. Essa dificuldade da mãe de viver o “estado de preocupação materna primária” é uma das causas para o autismo segundo Winnicott. Além das dificuldades pessoais da mãe para identificar-se com seu bebê, a falta da “cobertura protetora” do pai pode ter contribuído para essa dificuldade materna.

Outro papel do pai apontado por vários estudiosos é o de substituto materno ou, no dizer de Winnicott (1986d[1966]/1996), o de duplicação da mãe. Segundo o autor, o elemento feminino puro do pai possibilita a este algumas vezes ser uma boa mãe substituta, mas por um período determinado de tempo. Dificilmente conseguirá realizar esse papel por 24 horas, dia após dia. Todavia, o interesse do pai pelo seu filho depende da atitude da mãe. “Dependendo da atitude que a mãe tome, o pai pode acabar ou não por conhecer seu bebê” (Winnicott, 1945i[1944]/1982, p. 127). O pai pode sentir-se inibido e mesmo um intruso nessa relação íntima “de dois em um”, no dizer de Loparic (1996). Entretanto, se a mãe solicitar a ele ajuda para pequenas coisas, parece estar autorizando o pai a assumir um papel específico junto ao seu bebê.

Esse papel do pai descrito por Winnicott lembra outra condição encontrada em algumas famílias com filho com deficiência, as quais muitas vezes se estruturam de forma peculiar. Algumas delas se organizam em dois campos: de um lado, há uma aliança mãe/filho com deficiência, a mãe tem uma dedicação total a esse filho, ele passa a ser tudo para ela, é como se sua vida ficasse centrada no filho, nada mais a interessa, como se a “preocupação materna primária” permanecesse por um período muito acima daquele necessário e saudável. No outro campo familiar, estrutura-se uma interação do pai com os outros filhos. Nessas condições, o pai tem pouco acesso ao filho com deficiência, nunca o acompanha ao médico ou à escola, não sai com ele; na realidade, sabe muito pouco de sua vida.

Essa constelação familiar conduz a dificuldades de amadurecimento tanto para o filho com deficiência como para seus irmãos. Impede o pai de realizar importante papel assinalado por C. D. Rosa (2007), o de ajudar a mãe a separar-se do filho chamando-a para si e possibilitando ao bebê experimentar as gradativas falhas maternas, fundamentais para o desenvolvimento da mente e o encontro com a realidade externa pela perda da onipotência. Os irmãos vivenciam a ausência da mãe, ciúmes do irmão com deficiência e sentimentos de culpa. Condição que pode acontecer por diferentes motivos: pode relacionar-se a uma dificuldade da mãe em permitir que o pai assuma seu papel na vida do filho, usando-o para a satisfação de suas próprias necessidades, ou

então por uma dificuldade do próprio pai em aceitar um filho com deficiência que não poderá ser o continuador de seus projetos e de quem dificilmente irá se orgulhar.

As famílias contemporâneas e o pai

Estudos e pesquisas recentes sobre a família têm procurado compreender suas modificações. Qual o papel da família hoje; como cada um de seus membros se organiza dentro dela; qual a dinâmica de suas relações; e como é sua inserção na sociedade como um todo.

De acordo com M. C. M. Chacon, a família é:

[...] um microsistema que vem acompanhando a evolução social da humanidade, e mais que isso, que vem se superando em suas formas de constituição e, a cada superação, diferenciam-se o significado social dos vínculos estabelecidos entre seus membros, os papéis que cada qual desempenha e o poder destes na própria dinâmica familiar e na sociedade de modo geral. (Chacon, 2009, p. 58)

As mudanças assinaladas são muitas. A partir da família monogâmica clássica, surge a família contemporânea que, embora constituída em torno de um homem, uma mulher e filhos, estes não são necessariamente legítimos e em grande parte das famílias o homem não é o único provedor. Há, também, as famílias compostas por pais separados com filhos, de casamentos anteriores, há as famílias homossexuais com casais do sexo feminino ou do sexo masculino que podem ou não ter filhos, e há as famílias compostas apenas da mãe com filhos de diferentes pais.

Roudinesco, no texto “De que amanhã... diálogos”, em que discute com Derrida sobre várias questões, principalmente no que se referem às diferenças, fala das famílias atuais e de como se estabelecem a maternidade e paternidade nos dias de hoje, apresenta, em nota de rodapé, o depoimento de um garoto de sete anos, holandês, onde o casamento entre homossexuais é permitido desde o ano 2000 e onde há 20.000 crianças criadas em situação de homoparentalidade ou coparentalidade. Theo declara:

Vivo com mamãe e Tata, Tata é como uma mamãe só que mais brava. Nunca tive papai. Foi um colega da mamãe que se ofereceu para fazer o bebê para nos

ajudar... Mais tarde vou viver com uma menina, é menos complicado para fazer bebês. (Roudinesco, 2004, p. 48)

Essa vinheta não nos permite muitas análises sobre o desenvolvimento de Theo, mas se pode concluir que ele desenvolveu uma identidade masculina e acredita que os conflitos e dificuldades que vivencia seriam minimizados se a família fosse constituída por um homem e uma mulher.

Para muitos autores, a grande mudança que aconteceu na estrutura familiar, e que trouxe modificações no status da mulher na sociedade, ocorreu pelas transformações nos meios de produção, quando a mulher deixou de ser a cuidadora dos filhos e do lar para participar, com o homem, dos meios de produção e dos proventos da casa. Concorreu também para essas mudanças o progresso na medicina e na tecnologia.

Essas mudanças trouxeram questões para a maternidade e para a paternidade. Em relação à maternidade, vamos apenas citar as principais questões: nas classes economicamente menos favorecidas, mães adolescentes que muitas vezes não assumem os filhos e cujos pais são totalmente ausentes, ou mães com vários filhos de pais diferentes que permanecem como a única responsável por eles. Nas classes economicamente mais favorecidas, o adiamento da condição de maternidade pode trazer como consequência dificuldades de engravidar e a filiação por adoção, por inseminação artificial ou por barriga de aluguel. Nesses casos, quem realmente é a mãe? E o pai? O que acontece com os filhos? Como eles se sentem? Como fica o papel do pai? Creio ser esse um assunto complexo e extenso que merece estudos mais aprofundados.

Mas, o que está acontecendo com a paternidade? Sobre esse fato, observam-se várias modificações. Vemos hoje maior participação dos homens no cotidiano familiar, particularmente no que se refere aos cuidados com o filho. De acordo com Medrado (1998), esse fenômeno tem sido chamado de “nova paternidade”. A compreensão desse modelo de paternidade tem como principal referência Michael Lamb (1986), para quem o modelo do novo pai é um dos elementos-chave na análise das relações parentais na contemporaneidade. Considerando que homem e mulher sempre são pensados pelo modo como ocorre a relação entre eles, essa noção de “novos pais” é um fenômeno que se desenvolve em função de um processo de modificação no campo do feminino, em razão da divisão social do trabalho e da assimetria de poder.

Para Fonseca (2004), tais mudanças colocam o homem diante de um sentido de ambivalência em relação ao lugar que deve ocupar, pois o deslocam de seu tradicional

papel de provedor do lar. Essa ruptura gera modos alternativos, “os novos pais” não se ancoram mais no poder econômico e precisam encontrar uma nova âncora para seu papel de rudeza, força e representante da ordem e da lei.

Para Elisabeth Badinter (1986), o perfil do “novo pai” esboça-se a partir de homens de classe média ou alta com formação superior, mas, hoje, observa-se que mesmo nas classes menos favorecidas a mulher esforça-se para alcançar novo *status* profissional. O “novo pai” relaciona-se a uma nova configuração familiar: a maior inserção da mulher no mercado de trabalho e a multiplicação de separações conjugais. As mulheres responsáveis pela manutenção material do lar dispensam menos cuidados aos seus filhos, obrigando os homens a assumirem papéis mais efetivos junto a eles. Por outro lado, mulheres de classes socioeconômicas mais baixas, muitas vezes, além de terem que assumir os proventos materiais da casa, não contam com o auxílio do pai para cuidar dos filhos.

Como pensar as consequências para o desenvolvimento quando, na organização familiar, há uma “nova paternidade”? Pode-se imaginar que nessa nova configuração o ambiente seria mais facilitador para os bebês. Haveria, certamente, uma “mãe substituta” adequada para suprir as ausências maternas e uma boa “cobertura protetora” à mãe.

Todavia estudos mostram o aumento de casos de autismo em relação às décadas passadas. Será apenas por maior refinamento diagnóstico? Ou pela maior ausência materna e o uso de babás nem sempre adequadas. Ou será que o pai como substituto materno por períodos longos, como diz Winnicott (1945i[1944]/1982), não é uma boa solução? O pai não deve entrar em cena prematuramente. Os bebês precisam de um ambiente simples e sempre igual; pessoas diferentes não oferecem a constância necessária para dar ao bebê a confiança necessária que conduz à capacidade de previsão. Além disso, de acordo com Winnicott, a mulher é melhor mãe, por ser aquela que guarda uma íntima relação com o elemento feminino puro, por sua constituição biológica e pelo preparo de seu corpo durante os nove meses de gestação. Por outro lado, a identificação inicial da menina com a mãe permanecerá durante toda a sua vida. Esse processo de identificação é importante e, como diz Loparic: “Pela primeira identificação (mãe-fêmea), constitui-se a base dos traços femininos genitais e pela segunda (mãe-mulher), os traços maternos da menina” (2006, p. 337).

Winnicott (1945i[1944]/1982) menciona, também, as qualidades maternas reconhecidas pela criança como maciez e ternura, que ficam sempre associadas a ela,

mas as qualidades austeras, como rispidez, severidade e rigor, como a hora certa da mamada e o esperar para ser atendida, reúnem-se na mente infantil e atraem sentimentos que o bebê com o tempo acaba por alimentar em relação ao pai. É importante na vida da criança o pai que sustenta a lei e a ordem, que estabelece limites e regras, que permite e proíbe. Essa condição trará à criança “segurança social”. Há um momento em que os braços da mãe passam a fazer parte do pai, momento em que ele passará a ser amado e a ter o direito de dar palmadas.

É importante, também, lembrar das qualidades positivas do pai e daquilo que o distingue dos outros homens. As crianças se enriquecem e formam seus ideais a partir do que vivem e do que veem. “[...] se o pai estiver presente e quiser conhecer o próprio filho, esta é uma criança de sorte e nas circunstâncias mais felizes o pai enriquece, de maneira abundante, o mundo do próprio filho” (Winnicott, 1945i[1944]/1982, p. 130). Nesses casos vê-se que os novos pais podem oferecer mais aos filhos pela maior proximidade e compartilhamento de suas experiências na vida familiar.

No estágio do concernimento, o papel do pai é fundamental; é quando o bebê, já bem integrado em um eu, percebe que aquela a quem agride, destrói e explora com suas exigências e necessidades é a mãe que o acolhe e a quem ama. Nesse momento, a criança experimenta o conflito básico do ser humano, o conflito entre o amor e o ódio. O pai nesse momento é a figura que protege a mãe, permitindo à criança a expressão instintual, o desenvolvimento do senso de culpa e a responsabilidade para com o outro.

Paralelamente a essa função, a união sexual dos pais é sentida como um fato marcante que lhe possibilitará ter sonhos e fantasias de amor e ódio, a união dos pais será como um rochedo perante o qual poderá se debater. E, no dizer de Winnicott, “fornece parte dos alicerces naturais para uma solução pessoal do problema das relações triangulares” (Winnicott, 1945i[1944]/1982, p. 129).

Após esse estágio, a criança está pronta para entrar no que Freud denomina de estado edípico e que, para Winnicott, não se refere apenas às questões das complicações genitais em relação ao complexo de Édipo, mas dizem respeito, também, ao fato de a criança, nesse momento, começar a viver relações triangulares, em que os sentimentos de lealdade e deslealdade são um complicador.

A entrada no estado edípico supõe a integração dos aspectos instintivos de amor e ódio, e as ansiedades referem-se à genitalidade em si mesmo, “surgem violentos conflitos que ocorrem na fantasia inconsciente e na realidade interna da criança” (Winnicott, 1958m[1956]/1993, p. 514). O importante papel do pai nesse momento é o

de ser aquele que se interpõe contra os desejos sexuais da criança em relação a si ou à mãe. É aquele que garante a ordem e os limites, mas para isso é necessária sua presença real, que possibilitará à criança poder odiá-lo e tentar destruí-lo, e, se mesmo assim sua presença continuar firme e constante, a criança poderá amá-lo e viver seus instintos de forma livre e responsável. Ao se tornar uma figura forte, o pai passa a ser um modelo de identificação.

Todos esses momentos, movimentos e conflitos de amor e ódio, de desejos instintuais e de rivalidade, retornam com mais intensidade na adolescência, gerados pelo desenvolvimento físico e biológico, e acrescidos pelo desejo de independência e de poder. O adolescente não apenas deseja sexualmente a mãe ou o pai, ele tem capacidade genital para uma realização sexual. O filho não apenas deseja destruir o pai, ele tem condições físicas para realmente matá-lo. Nesse momento, o papel do pai e sua presença real tornam-se fundamentais. A figura paterna, como aquela que representa a ordem, a lei e os limites, possibilita ao jovem desafiá-lo e tentar suplantá-lo.

Em uma pesquisa realizada em uma brinquedoteca de comunidade carente (Jurdi, 2009), com crianças e jovens, onde na organização familiar era comum a ausência do pai ou figuras paternas, observaram-se, na convivência com eles, dificuldades, conflitos e falta de amadurecimento adequado à idade cronológica. Eram adolescentes ou pré-adolescentes que só se relacionavam por meio de constantes disputas por situações banais. Os palavrões e as agressões físicas eram frequentes. As diferenças não eram aceitas, o princípio era o de exclusão; em suas atividades, não havia cooperação. Os jogos e as brincadeiras baseavam-se sempre em quem era o melhor ou o pior. As brigas eram constantes e uma das brincadeiras preferidas era a de destruir móveis e brinquedos. Não se apossavam de nada. Não havia interesse por jogos construtivos ou atividades culturais. Era patente a falta de um ambiente seguro que pudesse lhes dar limites de modo constante e confiável. Muitos deles pareciam apresentar comportamentos antissociais. Para nós, ficou patente que a ausência do pai ou de alguma outra figura que representasse a autoridade era uma das principais causas desses comportamentos. Será que se pode inferir que uma das possíveis causas do aumento da violência e da criminalidade nos dias de hoje tem como uma das razões a desorganização familiar e, principalmente, a ausência do pai? Essas crianças e jovens sentem falta de “segurança social” fornecida por um casal sexualmente unido. Há, também, a falta de suporte de outros membros da família ou da comunidade, que

pucesse suprir essa ausência e oferecer a oportunidade da conquista do concernimento e da responsabilidade social.

Para concluir, gostaria de relatar uma pesquisa feita na PUC-RS, por A. C. Fleck e A. Wagner (2003), sobre o comportamento dos filhos e organização familiar quando a mulher era a principal provedora do sustento econômico. Nessas famílias, em que a mulher era responsável por no mínimo 70% da renda familiar, o pai permanecia mais tempo em casa. A pesquisa qualitativa foi feita com três casais de classe média. Dois deles com um filho pequeno com condições econômicas mais difíceis, e um casal com dois filhos mais velhos e situação econômica mais folgada. Nas famílias com renda mais baixa, constatou-se uma frágil relação conjugal, sendo o filho o centro da família e a razão de sua união. Nessas, o pai se queixava das tarefas duplas, trabalhar, cuidar do filho e ter obrigações na casa. As mães sentiam-se culpadas pela pouca atenção dada aos filhos e, ao retornarem do trabalho, dedicavam a eles toda a atenção.

Um dado interessante, que acredito de importância, foi que, no desenho da família solicitado para todos os participantes, constatou-se nos dos pais e das mães uma organização familiar clássica, o pai desenhado em posição de destaque com a figura da mãe e do filho, mais afastadas e menores. No desenho dos filhos, estes se encontravam na posição de destaque e os pais lado a lado, sendo a figura paterna maior do que a da mãe, indicando que este era considerado o mais forte. Uma representação da família clássica.

Essa pesquisa mostra dados interessantes que merecem maior aprofundamento. Será que, embora a organização familiar tenha se modificado, para o ser humano a estrutura de um modelo familiar, que está no imaginário de todos como favorecedora de um desenvolvimento saudável, exige sempre uma pessoa que seja a mãe e outra que represente o pai?

Referências

Abram, J. (2000). *A linguagem de Winnicott* (Marcelo Del Grande da Silva, trad.). Rio de Janeiro: Revinter.

Badinter, E. (1986). *Um é o outro*. Rio de Janeiro: Imago.

Chacon, M. C. (2009). Família e escola: uma parceria possível em prol da inclusão? In M. L. T. M. Amiralian (Org.), *Deficiência visual: perspectivas na contemporaneidade*. São Paulo: Vetor.

Davis, M. & Wallbridge, D. (1982). *Limite e espaço: uma introdução à obra de D. W. Winnicott* (Eva Nick, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Fleck, A. C. & Wagner A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em estudo*, v. 8, spe, 31-38.

Fonseca, C. (2004). A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. *Revista de estudos femininos*, 12(2), 13-34. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X200400200002>.

Jurdi, A. P. S. (2009). *A ética do cuidado e do encontro: a possibilidade de construir novas formas de existência a partir de uma brinquedoteca comunitária*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Lamb, M. (1986). The change roles of fathers. In M. Lamb, *The Father's role: applied perspectives*. New York: University of Utah.

Loparic, Z. (1996). Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Percurso*, 9(17), 41-47.

Loparic, Z. (2006) De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Natureza humana*, 8(1), 21-46.

Medrado, B. (1998). Homens na área do cuidado infantil. In M. Arilha; S. Ridenti; B. Medrado (Orgs.), *Homens e masculinidade: outras palavras* (pp. 145-161). São Paulo: Ecos/Editora 34.

Newman, A. (2003). *As ideias de D. W. Winnicott: um guia* (D. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Outeiral, J. (1997). Sobre a concepção do pai na obra de D. W. Winnicott. In I. F. M. Catafesta (Org.), *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott na Universidade*. São Paulo: Lemos Editorial.

Rosa, C. D. (2007). *A presença do pai no processo de amadurecimento: um estudo sobre D. W. Winnicott*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Rosa, C. D. (2011). *As falhas paternas em Winnicott*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Roudinesco, E. (2004). *De que amanhã... diálogos/Derrida* (A. Telles, trad.; A. C. dos Santos, revisão técnica). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Winnicott, D. W. (1982). E o pai? In D. Winnicott (1982/1964a), *A criança e o seu mundo* (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: LTC (Trabalho original publicado em 1945i[1944])

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana* (D. L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)

Winnicott, D. W. (1993). Pediatria e neurose infantil. In D. Winnicott (1993/1958a), *Da pediatria à psicanálise* (J. Russo, trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves (Trabalho original publicado em 1958m[1956])

Winnicott, D. W. (1996). A criança no grupo familiar. In D. Winnicott (1996/1986b), *Tudo começa em casa* (2.^a ed., P. Sandler trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado 1986d[1966])

Winnicott, D. W. (1996). Este feminismo. In D. Winnicott (1996/1986b), *Tudo começa em casa* (2.^a ed., P. Sandler trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986g[1964])